

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE DANÇA – LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

**Naira Antunes: o protagonismo da mulher na dança de salão
em Porto alegre**

Lísia Jessica Machado Peixoto

Pelotas, 2019

Lísia Jessica Machado Peixoto

**Naira Antunes: o Protagonismo da Mulher na Dança de Salão
em Porto alegre / RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Dança-Licenciatura, no Centro de Artes da
Universidade Federal de Pelotas, como requisito
parcial para a aprovação na Disciplina TCC II

Orientador: Robson Porto

Pelotas, 2019

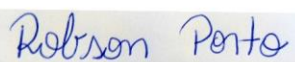
Lísia Jessica Machado Peixoto

**Naira Antunes: o Protagonismo da Mulher na Dança de Salão
em Porto alegre / RS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Dança, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 05 de dezembro de 2019.

Banca examinadora:




Robson Teixeira Porto

Prof. Msc. pela Universidade Federal de Pelotas / UFPEL (Orientador)


Thiago Silva de Amorim Jesus

Prof. Dr. pela Universidade do Sul de Santa Catarina / UNISUL


Andriana Kemer Zanella

Prof. Dr. pela Universidade Federal de Pelotas / UFPEL

Dedico este trabalho a pessoa que me deu a vida, minha mãe querida Lizânia Peixoto, que esteve ao meu lado me apoiando até o dia de sua partida. Ela me mostrou as cores e as flores, me ensinou sobre valores. Fez-me sentir o que era a dor, mas me doou tanto amor que foi suficiente para enfrentar e me reinventar.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por me amparar e não me deixar parar, através de seu amor eu obtive forças para seguir em frente.

Ao meu orientador, Robson Porto por sempre me incentivar, e me orientar com tanta dedicação no trabalho que foi um grande desafio para mim.

Agradeço a minha tia Biu por ser como uma mãe para mim, ao meu irmão por se fazer sempre presente, ao meu pai por apoiar os meus sonhos e por acreditar em meu potencial, e a minha mãe (in memoriam) por tudo que me ensinou, e por ainda me proteger e emanar suas energias de luz todos os dias da minha vida.

Agradeço também aos meus amigos que sempre me apoiaram durante a graduação, sempre acreditaram em minha capacidade. Lisiê Coelho amiga e irmã de coração, Ândrea Rodrigues minha amiga e confidente, Bruna Baes a amiga que faz renovar a minha fé, cada uma destas amigas foram de extrema importância para mim. Meu agradecimento vai também a colega Cintia Mendes que na reta final escutou meus desabafos, me ajudando a persistir.

Para finalizar, quero mencionar os meus terapeutas, a psicóloga Thaise Mondin e o psiquiatra Gustavo Rosa. Eles foram essenciais para que eu chegasse até aqui, com eles eu tive empatia, carinho e compreensão. Eu os admiro profundamente, a eles minha eterna gratidão.

RESUMO

PEIXOTO, Lísia Jessica Machado. **Naira Antunes: o protagonismo da mulher na dança de salão em Porto alegre.** 2019. 55f. Trabalho de conclusão de curso – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A presente pesquisa refere-se ao estudo sobre as reflexões que emergem da análise do discurso da trajetória docente em Dança de Salão da Naira Antunes em relação à presença da mulher na docência. O objetivo geral do trabalho é refletir acerca da trajetória docente de Naira Antunes, os objetivos específicos são: conhecer a trajetória profissional de Naira Antunes, e identificar e problematizar aspectos relevantes na trajetória docente da Naira Antunes. O referencial teórico adotado é dividido em três subtítulos, sendo primeiro sobre a mulher e as relações de gênero, o segundo a respeito da Dança de Salão e aspectos históricos e sociais, e o terceiro aborda a mulher protagonista no ensino da Dança de Salão. A pesquisa teve caráter qualitativo e caracteriza-se como uma pesquisa de caso.

Palavras Chaves: Dança de Salão; Trajetória docente; Professora de Dança.

PEIXOTO, Lísia Jessica Machado. **Naira Antunes: the protagonis of women at Ballroom Dance in Porto Alegre**. 2019, 55f. Graduation paper on the major of Dance at the "Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), in Pelotas, RS, Brazil, 2019.

ABSTRACT

This research refers to the reflections that emerge discourse analysis from Naira Antunes's teaching trajectory in Ballroom Dance in relation to the presence of women in teaching. The overall goal in this work I try to reflect on Naira Antunes's, the specific objectives are: teaching trajectory, to learn about her professional career, as well as identify and problematize relevant aspects of the trajectory. The theoretical framework adopted is divided into three subtitles: the first on women and gender relations, the second on Ballroom Dance and its social and historical aspects, and the third addresses women as a protagonist in the teaching of Ballroom Dance. The study had qualitative character and is characterized.

Keywords: Balroom Dance; Teaching career; Dance teacher.

SUMÁRIO

1 O Ponto de Partida	09
2 Conhecendo a Arte de Dançar em Par.....	14
3 Caminhos Metodológicos.....	20
4 Naira Antunes o Protagonismo da Dança de Salão em Porto Alegre.....	23
5 Referências.....	31
6 Apêndices.....	33
Apêndice I.....	34
Apêndice II.....	35

1. O PONTO DE PARTIDA

A busca pelos direitos da mulher é uma luta de muito tempo, pois seu papel social sempre esteve relacionado aos afazeres domésticos, como cuidar dos filhos, da casa e do marido, pois essas eram as obrigações da mulher. Todavia, essa visão simplista está sendo superada, uma vez que as mulheres têm ocupado funções em diversas áreas profissionais. Conforme a autora destaca:

Após o término do regime ditatorial que se implantou no Brasil com o golpe de Estado em 1937, a retomada dos ideais democráticos coincidiu com o final da Segunda Guerra Mundial e contribuiu para mudanças nas representações culturais acerca da educação feminina e do papel das mulheres na nova sociedade que emergia. (ALMEIDA, 1998, p.27)

Apesar das mudanças apontadas pela autora, sente-se uma ausência, de mulheres em algumas profissões, até mesmo na docência., apesar desta ser historicamente uma profissão feminina por aliar a maternidade ao trabalho doméstico. Nesse sentido Almeida (1998, p.28) pontua que são comumente encontradas mulheres lecionando em diversas áreas do saber, embora na Dança de Salão ainda se tenha poucas atuando nesse campo.

Uma hipótese para a presença pouco expressiva das mulheres na atuação docente em Dança de Salão pode estar relacionado ao papel social, tradicionalmente, assumido por elas na dança, uma vez que essa linguagem artística pressupõe uma relação de condução e resposta entre os pares. Neste sentido, Monte (2015, p. 2) acrescenta que na Dança de Salão homens e mulheres tem papéis bem definidos:

[...] homens conduzem, mulheres são conduzidas, homens agem, mulheres reagem. Cavalheiros e damas, em sua maioria aprendem, desde sua primeira aula, qual é o papel que irão desempenhar na prática da chamada dança social.

Historicamente esses papéis são pouco problematizados na dança de salão, pois essa relação entre homens e mulheres é compreendida como natural nos espaços onde essa dança é praticada.

Em 2006 começo a frequentar lugares onde se praticava dança de salão. Lembro-me de observar alguns casais que se destacavam na pista de dança pelos seus movimentos irreverentes, com muitos giros e acentuados movimentos de quadris e braços, principalmente das damas, o que despertava a minha atenção.

Estava cada vez mais encantada pela dança de salão, até que me encorajei a dançar, após receber um convite. A partir deste momento me despertou o desejo de dançar como aqueles casais que observava nas festas. A partir disso, comecei a frequentar este local regularmente onde conheci algumas pessoas, entre elas: um menino, que logo se tornou um amigo e me ensinou alguns passos.

A vontade de aprender crescia, assim como a dedicação pela Dança de Salão, que deixou de ser apenas uma forma de lazer, mas passou também a ser uma possibilidade profissional.

Em 2012, ingresso na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no curso de Dança Licenciatura. No primeiro semestre, na semana de recepção dos alunos novos, começo a participar de um projeto chamado Dança Pelotas, que acontecia na antiga AABB, coordenado pelo professor Gustavo Duarte, onde os ministrantes eram alunos do curso de Dança. Nesse projeto, aconteciam aulas de Dança Contemporânea e Dança de Salão.

A participação nessa atividade extra-curricular contribuiu significativamente para a minha permanência no Curso, uma vez que as aulas de Dança de Salão me ajudaram a lidar com timidez, que me impedia de estreitar relações com os colegas da faculdade. Permaneci no projeto durante dois semestres, o que contribuiu para que a paixão pela Dança de Salão se expandisse mais.

Nos próximos semestres tive algumas experiências pontuais, Após isso tive outras experiências com Dança de Salão, sendo uma delas uma monitoria em uma turma desse gênero de dança, ministrado pelo professor Luciano Costa em um centro de danças na cidade de Pelotas-RS.

O que contribuiu para que eu percebesse a importância de estar atenta a explicação do professor, e aproveitar o máximo de informações que ele compartilhava a cada aula.

Também tive oportunidade de ministrar aulas de Dança de Salão durante um dos estágios curriculares supervisionados da graduação.

No Curso de Dança - licenciatura da UFPel: temos três estágios obrigatórios, sendo dois deles na Escola e um no espaço não formal. Nos estágios em espaços não formais, temos a possibilidade de vivenciar a Docência em Dança na comunidade, em espaços não curriculares. Quando cursei essa componente curricular em 2014/2 escolhi trabalhar com uma turma de senhoras de uma igreja, onde ensinei Dança de Salão, pois esse era o conteúdo da Dança que me sentia mais apta para lecionar. Durante os três meses de estágio, tivemos aula de samba, salsa e forró. Com esta experiência pude refletir sobre como é importante que o professor observe seus alunos e dê atenção ao que os buscam. No caso dessas alunas, elas buscavam a socialização e o entretenimento, por esse motivo a técnica não foi o foco das aulas, apresentei a Dança de Salão como forma de lazer. Ainda, provavelmente, por se tratar de uma turma de alunos da maturidade, foi preciso adaptar movimentações e preparar material didático específico para melhor compreensão do conteúdo.

Em abril de 2016 me foi oportunizado ser monitora de Dança de Salão do professor Robson Porto na, Adágio Centro de Dança, permanecendo aproximadamente três anos. Através desse ensejo, pude experienciar em algumas oportunidades atuar como professora substituta nas turmas, a pedido do professor, quando ele precisava se ausentar, e foi nesse momento que percebi que existia em mim a vontade de ser professora de dança de salão.

Contudo, quando assumo esse desejo de ser professora de Dança de Salão, constato que nunca havia feito aula desse gênero com uma professora, e talvez por essa falta de referencia feminina, não havia cogitado a possibilidade de lecionar Dança de Salão antes. Interessada nesta área profissional que se apresentava a mim, passo a ter atenção redobrada nas aulas, não apenas buscando executar os passos corretamente, mas observando como o professor ensinava.

Depois de algum tempo, participei de um curso de Forró na cidade de Porto Alegre, onde tive a chance de dançar e ter aulas com professoras de diferentes estados. Fiquei encantada com o que vi e senti, pois percebi que é possível uma mulher ser professora de Dança de Salão e ensinar homens e mulheres, os (as) ensinando a conduzir e serem conduzidos (as), independentemente do gênero.

A partir disso, surgiu o interesse em pesquisar professoras de Dança de Salão no Rio Grande de Sul, de forma a conhecer suas histórias, seus desafios e suas estratégias de ensino. Nessa busca, priorizou-se professoras com uma carreira consolidada e que ainda tivesse lecionando. Dentre elas, optamos por conhecer a trajetória da professora Naira Antunes, em detrimento de outras histórias que não serão compartilhadas nesse estudo, pela brevidade de um trabalho de conclusão de curso.

Naira Antunes que ministra aulas de dança há 35 anos, sendo que na Dança de salão iniciou em meados de 1993. Há 23 anos, inaugurou na cidade de Porto Alegre o Naira Anthunes Centro de Danças onde atua como diretora, coreógrafa e professora. **A justificativa** pra esse estudo está na importância de conhecer a trajetória profissional de uma professora dança de salão experiente, com o propósito de destacar a presença das mulheres em uma profissão onde há uma predominância masculina, não apenas na quantidade, mas na valorização profissional.

O que também motiva esse trabalho é analisar quais os desafios que essa profissional atravessou em sua carreira, e dessa maneira problematizar o espaço da mulher na Dança de Salão. Este estudo também contribui para uma maior visibilidade das professoras de Dança de Salão, que na maioria das vezes são apenas uma ajudante de um professor, com a função de demonstrar movimentações, exclusivamente. Acreditamos que refletir a partir do protagonismo da Naira Antunes na dança de salão na cidade de Porto Alegre pode servir como incentivo para outras mulheres que precisam ter mais segurança para se dedicar a essa profissão. É importante destacar também, que ao consultar o Banco de Dissertações e Teses da CAPES e o Google Acadêmicos, percebemos uma carência de trabalhos relacionados diretamente a presença da mulher na docência de Dança de Salão.

Em geral, as publicações relacionadas a dança de salão, tem foco no lazer e na saúde e não no ensino, fato que denota a importância desse estudo.

A **problemática** desta pesquisa está centrada na seguinte questão: quais reflexões emergem da análise do discurso da trajetória docente em Dança de Salão da Naira Antunes em relação à presença da mulher na docência?

O **objetivo geral** do trabalho é refletir acerca da trajetória docente de Naira Antunes. Os **objetivos específicos** são: conhecer a trajetória profissional de Naira Antunes, identificar e problematizar aspectos relevantes na trajetória docente da Naira Antunes.

Essa pesquisa tem abordagem qualitativa e se configura como um estudo de caso, utilizando a entrevista como instrumento de coleta de dados. Este estudo é dividido em cinco capítulos: o primeiro intitulado “Ponto de partida” apresentamos a trajetória acadêmica da pesquisadora, bem como o problema de pesquisa e sua justificativa. O segundo partilhamos “Conhecendo a arte de dançar em par”, onde apresentamos o referencial teórico adotado nesse estudo. O terceiro “Caminhos metodológicos” descrevemos a metodologia deste trabalho. O quarto “Análise de dados”, discutiremos os dados a luz do referencial teórico adotado, e quinto, “Considerações finais”, tecemos as últimas considerações acerca do trabalho.

2 CONHECENDO A ARTE DE DANÇAR EM PAR

Nesse capítulo será socializado o referencial teórico que subsidiou o diálogo com os dados coletados nessa pesquisa. As seguintes obras mediarão a problematização dos achados desse estudo: VIANNA, 2001 e CARVALHO, 2016 vão discutir a mulher e as relações de gênero. PAZETTO; SAMWAYS, 2018 e DICKOW, 2016 tráz aspectos históricos e sociais da dança de salão. POLEZI, 2016; ZAMONER, 2017; ARAÚJO, 2014; FEITOSA, 2011 vai tratar sobre a mulher no ensino de dança de salão.

A mulher e as relações de gênero

A sociedade influencia no papel social correspondente a cada um dos gêneros desde a infância: quando, por exemplo, determina que meninos devem se vestir com azul e brincar com carrinhos, enquanto meninas devem vestir rosa e entreter-se com bonecas. Neste sentido:

Nossa socialização interfere na forma como nós – homens e mulheres – nos relacionamos, interfere nas profissões que escolhemos e na maneira como atuamos. Não se trata de afirmar que sempre foi assim ou que é inerente à nossa “natureza”. Trata se, sim, de afirmar que as expressões da masculinidade e da feminilidade são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, à subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto. (VIANNA, 2001, p.10)

Neste sentido, a educação foi como uma porta aberta, um meio muito importante para o progresso profissional da mulher, pois foi onde elas encontraram uma oportunidade de adquirir sua independência tanto financeira quando intelectual, como nos traz Carvalho, 2016:

“...há de se destacar que o progresso, por parte das mulheres, no campo da educação foi e é fundamental para avanços em outros campos, processando-se tanto em termos quantitativos como qualitativos”. (CARVALHO, 2016, p.3)

Alguns paradigmas em relação ao comportamento feminino e masculino já estão pré-estabelecidos na sociedade, como se fosse próprio das mulheres serem gentis e amorosas e dos homens serem brutos e insensíveis:

Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais, afetivas, para elas. Em decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado com os outros ficam mais identificadas com os corpos e as mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas às funções tidas como masculinas. (VIANNA, 2001, p.13)

Todavia o desafio das mulheres em revogar esse modelo padrão de que elas são fracas e indefesas, é algo que vem sendo construído no momento que já existem mulheres policiais, lutadoras, jogadoras, juízas, etc.

Nas entrelinhas, a ideia de que as mulheres devem ser cuidadas e protegidas pelos homens, funda-se na suposição de que elas são mais incapazes fisicamente, emocionalmente e financeiramente, e consiste em um mecanismo de produção e manutenção da inferioridade feminina. . (PAZETTO; SAMWAYS, 2018, p.14)

Embora sejam minoria em relação os homens nestas profissões, ter a presença feminina é uma conquista a ser comemorada e valorizada, pois a mulher a ultrapassa a barreira de ser considerada incapaz.

Dança de Salão : aspectos históricos e sociais

A dança de salão segundo alguns historiadores, é uma das danças mais populares e que mais se expandiu pelo mundo desde sua origem. De acordo com os autores Pazetto e Samways (2018):

As primeiras danças de salão surgem no século XV, em meio à ascensão do cavalheirismo e à valorização da dança nas cortes francesas e italianas, que figuravam entre as atrações das grandes celebrações e exibições políticas da realeza. As tendências iniciadas nessa época evoluíram de duas maneiras diferentes: de um lado, direcionando-se para as performances e balés, de outro, direcionando-se para a dança social dos bailes.

Ainda, os cursos rápidos, grupos nas redes sociais com conteúdo para aprendizado, bailes para a prática desta modalidade organizada por professores, alunos e admiradores dessa arte, também são uma forma de propagação dessa cultura.

Estão surgindo cada vez mais profissionais de Dança de Salão, mas as mulheres ainda são minoria e, conseqüentemente, menos valorizadas, o que implica que muitas pessoas duvidem da capacidade das professoras de Dança de Salão.

A Dança de Salão além dos aspectos relacionados à saúde e ao bem estar, pode possibilitar o, auto- conhecimento , respeito pelo outro, igualdade entre os gêneros, entre outros valores que podemos aprender com esse gênero.

Sabemos dos benefícios em relação à saúde, ao bem-estar, ao lazer, à educação e à socialização que essa

modalidade de Dança agrega em sua essência e o quanto ela representa à cultura e aos costumes de uma sociedade, impregnada, de diversas formas, no cotidiano das pessoas. (DICKOW, 2016, PG.13)

Sendo importante ressaltar a possibilidade de usufruir dessa experiência com qualquer indivíduo que tenha algum conhecimento dessa arte.

A partir disso, podemos compreender dança de salão como uma linguagem universal, se a compararmos a uma cifra musical, onde a cifra esse gênero dança e as notas musicais cada subgênero. Ao conhecer essa cifra é possível dançar com qualquer pessoa, mesmo nunca visto antes, ou até mesmo de olhos fechados. Por este ângulo:

[...] os modos de formação na dança de salão permitem que praticantes possam dançar entre si e se entender, mesmo fazendo parte de culturas diferentes ou falando línguas diferentes. Isso acontece porque a dança de salão tradicional tem sua própria linguagem, estruturada sobre passos de ritmos específicos e técnicas de condução-resposta definidas por gênero, com seus próprios códigos e hierarquias. (PAZETTO; SAMWAYS, 2018, p.10)

Mulher no ensino da Dança de Salão

Por muitos anos a mulher foi submetida às ordens de homens, primeiro o pai, depois o marido, assim as mulheres não tinham o direito de escolha sobre nada em sua vida. Portanto, o reconhecimento através de sua profissão foi um fato importante na hora de contar-lhes as alegrias em escolher a educação, pois esta tinha lugar de prestígio para a sociedade. Nesta perspectiva Araújo corrobora:

Todavia, afirmaram gostar da profissão e disseram que *ser professora*, no conjunto da família, é muito

dignificante. Além de contribuir no orçamento da casa, o exercício da profissão é motivo de admiração no meio familiar, entre amigos e conhecidos. (ARAÚJO, 2014, p.4)

A mulher vem superando desafios, rompendo padrões e conquistando o espaço que antes a ela era negado em diferentes campos:

Sabemos que a mulher vem conseguindo significativas contribuições no processo de democratização, produzindo inovações importantes no campo político, como a criação de conselhos e leis voltadas para o desempenho de políticas públicas, igualdade de gêneros e discriminação contra as mulheres. As danças de salão inseridas nesse contexto promovem reformulações de valores culturais, sociais e sexuais. (FEITOSA, 2011, PÁG. 2)

Entretanto ainda esta bastante enraizada que a mulher é o charme na Dança de Salão cabendo a ela apenas deixar-se conduzir, ao passo que o homem possui o papel condutor na dança demonstrando, assim seu perfil dominador com o poder de escolha de como a dança vai proceder. Vasconcelos (2016) “...infelizmente, essa prática possui ainda uma estrutura hegemônica, machista e extremamente opressiva, e há muitas mulheres que estão reproduzindo esse modelo sem nenhuma reflexão à respeito”, fazendo com que muitos tenham o pensamento errôneo de que uma mulher não é capaz de conduzir e tão pouco de ser uma professora de Dança de Salão. Porque se a mulher não sabe conduzir uma dança, como ela irá conduzir uma sala de aula? Para Polezi, 2016:

A arte é um importante caminho de transformação e subversão das relações desiguais de poder, por isso acreditamos em uma nova forma de dançar a dois através da Condução Compartilhada.

Que pode colaborar para maior adesão de professoras de Dança de Salão. Maristela Zamoner:

A liberdade de uma mulher dançar no papel do cavalheiro, seja com um homem, seja com outra mulher e vice-versa, deveria ter seu espaço, uma vez que a dança de salão, hoje, é uma arte e não um ritual de acasalamento para cópula. E mesmo se fosse, a questão mereceria ser revista, considerando que estamos em busca de reduzir oportunidades para o preconceito. (ZAMONER, 2017, p. 79)

Neste sentido para a prática da dança de salão é necessário apenas duas pessoas independente do gênero, pois se trata de uma dança em par. Desta maneira possibilitando com que toda pessoa interessada possa dançar.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo serão apresentados os caminhos metodológicos deste trabalho, desde quando foi delimitado o tema até a análise dos dados. A seguir serão descritos, ordenadamente, cada etapa que constitui essa pesquisa.

A partir da definição da temática central do trabalho: presença da mulher na docência de dança de salão. Foi feita uma busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes e no Google Acadêmico, encontrando alguns trabalhos com as palavras chave: dança de salão, dança de salão + mulher + docência.

Em seguida, selecionaram-se alguns textos que mais se aproximaram da temática e realizaram-se alguns fichamentos, que auxiliaram na construção do referencial teórico desse trabalho. Ao conhecer o estado da arte determinou-se o sujeito de pesquisa, Naira Antunes, uma professora de Dança de Salão de Porto Alegre e definiu-se a metodologia de investigação dessa pesquisa.

A partir disso, concluímos que o trabalho se configura como um estudo de caso, que pode ser definido como:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. (FONSECA, apud, SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 39).

Ainda, os dados desta pesquisa tem abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001), pode ser definida como:

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não

podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.
(MINAYO, apud GERHARDT, 2001, p.32)

3.1 Naira Antunes

Naira Antunes começou a dar aulas de danças gaúchas aos 14 anos de idade na cidade de Porto Alegre. Naira é formada pelo Mestre Jaime Arôxa, é graduada em Educação Física e dedicou sua vida a docência, hoje aos 49 anos de idade é proprietária da primeira escola especializada em danças de salão, inaugurada há 23 anos, o qual possui um nome reconhecido na cidade, o Naira Anthunes Centro de Danças que forma muitos alunos e professores.



3.2 Coleta de Dados

O primeiro contato com a entrevistada foi através da rede social *facebook*, enviando uma mensagem. Em seguida Naira Antunes respondeu, mandando seu número de telefone para que pudéssemos nos comunicar pelo *whatsapp*. Conversamos e continuamos mantendo contato.

A partir disso, escolhemos a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 72).

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale

livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Em seguida elaboramos o roteiro da entrevista (ANEXO I) e agendamos a coleta de dados. No dia da entrevista cheguei antes do horário combinado com a intenção de conhecer melhor a escola Naira Anthunes Centro de Danças, local em que marcamos a entrevista na qual fui recebida com carinho e atenção. E foi possível assistir quase uma aula inteira de Zouk, tendo a oportunidade também de participar da aula em alguns momentos. A professora mostrou-se disponível, se deixando a disposição se eu precisasse de mais informações tanto pelo telefone ou pessoalmente.

3.3 Análise dos dados

O processo de análise dos dados dessa pesquisa foi inspirado na Análise Textual Discursiva (ATD). Conforme Porto (2017): “A ATD consiste em três etapas: a unitarização, a categorização e a construção do metatexto”.

No primeiro momento foi feita a organização dos dados, momento títulos para as unidades de significados. Logo após foi feita a leitura prévia dos dados, para em seguida dividir o texto em unidades de significados, encontrando as categorias iniciais. A partir dos títulos das unidades de significados (elementos aglutinadores), encontraram-se as categorias iniciais, sendo elas: Trajetória de dança; falta de oportunidade para dançar; primeiro contato com dança de salão; fazer aula sem parceiro; facilidade em aprender os dois papéis; a mulher e a parceria na dança de salão; reflexão sobre conquistas: Primeira escola em Porto Alegre; sobre vestimentas; papel da mulher na dança de salão antigamente e atualmente; estética do corpo feminino na dança de salão; discurso de autonomia feminina na dança que não se efetiva na prática; dança de Salão tradicional: homem conduz e mulher é conduzida; relação de homens e mulheres na dança de salão hoje; primeiros professores de Dança de salão em Porto Alegre; preconceito por não trabalhar com show; igualdade entre os gêneros na dança de salão no mundo do trabalho; formação docente; profissional capacitado; referencia Jaime Arôxa; orientação de professores; aprender a ensinar bem; aulas online; não apoio da família; início da docência; ensino de dança para homens; postura docente; falta de espaços destinados a

dança de salão; forma de ensinar; independência para ensinar sem parceiro e método de ensinar. Em seguida realizou-se agrupamentos das categorias iniciais encontrando as categorias intermediárias que são as seguintes: dançarina; a mulher da na dança de salão; papéis na dança de salão; mundo do trabalho na dança de salão; formação docente; profissão e ensino de dança de salão. Logo se realizou novos agrupamentos das categorias intermediárias que resultou nas categorias finais, que são: protagonismo da mulher na dança de salão e professora de dança. A partir das categorias finais foi escrito os meta textos (ANEXO II), que estão identificados com o número de casa trecho, que se configuram como processo de análise desse trabalho.

TABELA 1

Categorias Iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
Trajetória de dança	Dançarina	Protagonismo da mulher na dança de salão
Falta de oportunidade para dançar		
Primeiro contato com dança de salão		
Fazer aula sem parceiro		
Facilidade em aprender os dois papéis		
A mulher e a parceria na dança de salão	A mulher na dança de salão	
Reflexão sobre conquistas: Primeira escola em Porto Alegre		
Sobre vestimentas		
Papel da mulher na dança de salão antigamente e atualmente		
Estética do corpo feminino na dança de salão	Papéis na dança de salão	
Discurso de autonomia feminina na dança que não se efetiva na prática		
Dança de Salão tradicional: homem conduz e mulher é conduzida		
Relação de homens e mulheres na dança de salão hoje	Mundo do trabalho da dança de salão	
Primeiros professores de Dança de salão em Porto Alegre		
Preconceito por não trabalhar com show		
Igualdade entre os gêneros na dança de salão no mundo do trabalho		
Formação docente		

Profissional capacitado	Formação docente	Professora de dança
Referencia Jaime Arôxa		
Orientação de professores		
Aprender a ensinar bem		
Aulas online		
Não apoio da família		
Início da docência		
Ensino de dança para homens	Profissão	
Postura docente		
Falta de espaços destinados a dança de salão	Ensino de dança de salão	
Forma de ensinar		
Independência para ensinar sem parceiro		
Método de ensinar		

4 NAIRA ANTUNES O PROTAGONISMO DA DANÇA EM PORTO ALEGRE

Naira Antunes iniciou a dança logo na infância com cinco anos de idade, partindo das danças tradicionais gaúchas, e mais tarde conheceu outras modalidades como o jazz, balé, dança de rua, fez também afro e dança teatro. Naira teve algumas experiências de dançar em festivais, mas não chegou a fazer parte de uma companhia de dança, pois não era possível pagar para fazer aulas e participar de grupos, e seu objetivo era se tornar uma boa professora e alcançar sua independência financeira.

O primeiro contato de Naira Antunes com dança de salão deu-se através de um congresso em Curitiba quando estava na graduação, ao ver as opções de modalidades na grade se deparou com dança de salão, o que a deixou bastante curiosa, então se inscreveu e foi. Os professores que estavam dando aula eram a Raquel Mesquita do Rio de Janeiro e o Jimmy de Oliveira e Naira conhece uma nova linguagem de dança.

N13 Aquelas danças de par me remeteu ao CTG, uma vida que eu tinha que eram as pessoas dançarem de pares, homem e mulher e eu olhei e nossa aquilo me chamou muito atenção e eu me interessei muito.

A partir deste momento Naira Antunes decidiu fazer aulas particulares de dança de salão aproveitando a chegada de Raquel Mesquita no congresso em Capão da Canoa. A primeira pergunta de Raquel foi se Naira tinha parceiro, a resposta sendo negativa, a professora hesitou, mas aceitou dar as aulas pelo fato da Naira afirmar que aprenderia os dois papéis. Desde no início de sua trajetória dançante Naira Antunes tinha extrema facilidade em aprender os passos do homem e os passos da mulher, pois no CTG dava aula sozinha e foi algo natural para ela.

Naira vai para o Rio de Janeiro e surpreende-se ao ver que as mulheres não falavam nas aulas, elas tinham que estar apenas bem arrumadas e prontas para demonstrar os passos da dama. E neste instante Naira percebe como a dança de salão era diferente das danças gaúchas, e começa a pensar como iria fazer para demonstrar a dança sem ter um par.

Naira começa a ministrar aula no CTG bem jovem aos 14 anos de idade, na escolha sobre qual faculdade cursar, decidiu educação física por ser o que mais se aproximava da dança, curso que ainda não tinha em Porto Alegre. Porém a professora conta que a graduação contribuiu muito para sua formação docente.

A professora Naira Antunes hoje percebe suas conquistas, dentre elas a primeira escola de Dança de Dança de Salão em Porto Alegre, e observa que durante sua trajetória profissional ela não refletiu a respeito de como estava avançando em seus propósitos, seu foco era trabalhar. Talvez isso seja um motivo pelo qual tenha menos mulher na atuando como professora nessa área do que homens, pois a mulher ao discutir sobre seu papel na Dança de Salão, o foco esta centrado nessa problematização, desta maneira a atuação fica em segundo plano. Contudo creditamos que essa reflexão é importante nos tempos atuais, para que se quebrem paradigmas e preconceitos, trazendo em questão a capacidade feminina.

Antigamente a mulher não tinha reconhecimento na dança de salão, por mais que ela soubesse dançar e/ou ensinar, era propagado apenas o nome do homem quando o casal de professores fosse participar de algum curso. Nos dias atuais é visível um avanço significativo nessa questão, inclusive professoras já são convidadas para dar aula mesmo que não tenha parceiro.

Então Naira Antunes traz a ideia de que a mulher ainda não percebeu a dimensão de suas possibilidades, prendendo-se na concepção de que só que é factível trabalhar a dança de salão na companhia de um homem.

N44 Eu acho que ela ainda não descobriu que ela pode sabe, ela ainda não descobriu, acho que ainda tem bastante mulher na dependência de um par masculino pra fazer as coisas achando que só assim vai fazer.

Assim como o discurso da mulher, é necessário que ela se imponha, busque ocupar o seu espaço na dança de salão, pois a contemporaneidade esta mais flexível, em termos de entender que a mulher não é apenas o “enfeite” na dança, ela pode contribuir para a composição da dança de forma ativa. Neste sentido Naira Antunes:

N46 Eu vejo essa problematização na dança e pior é que muita mulher que briga e fala sobre a mulher na dança de salão, mas ainda vejo elas se curvarem a muita coisa entendeu, mas é um processo né, não é um julgamento é um processo que ele precisa de tempo né, a gente luta pra melhorar ele sim, mas ele é uma questão de maturação de tempo mesmo.

Entretanto assim como, acreditamos na relevância da voz ativa das mulheres na dança de salão, precisamos que essa questão seja colocada em prática. Sem medo de tentar e, sem esperar que o homem libere um espaço que já é da mulher, e que ela pode reivindicar.

A dança de salão tradicional antigamente era mais rígida, na questão que ao homem só cabia o papel de cavalheiro conduzindo a dança e a mulher o papel de dama sendo conduzida, neste sentido Naira exemplifica:

N24 As vezes a mulher estava do meu lado e dizia, mas eu preferia dançar contigo tu conduz melhor, e o professor preferia botar um homem com ela, então as mulheres sobravam mesmo dançando bem.

Notamos um avanço considerável nessa questão. Pois hoje temos estudiosos da área defendendo um novo conceito de condução e resposta: De acordo com Zamoner:

Homens não conduzem mais mulheres, mas cavalheiros continuam conduzindo damas. Eu, uma mulher, sou um cavalheiro ao conduzir uma dama, mas não sou um homem conduzindo uma mulher. O uso dos termos “homens” e “mulher”, hoje, pode confundir conceitos e desempenhos dos sexos na sociedade [...] (ZAMONER, 2005, p.70).

Neste sentido possibilita com que uma mulher possa conduzir seja outra mulher ou um homem.

Na escola de Naira Antunes as turmas são divididas em níveis de aprendizado, a professora estimula os alunos que possibilitem o espaço para as mulheres e que elas aproveitem o momento para ter a iniciativa de fazer enfeites e moldar seus movimentos.

N47 Eu acho que o cenário hoje ele é de mudança, tem várias pessoas falando nisso, em todo lugar, tem muitos aplicando em sala de aula, tem muitos provocando em sala de aula, mas é novo ainda.

Naira conta que encontra mais resistência com os casais que já dançam a mais tempo, tendo uma aceitação melhor entre os alunos que estão iniciando a dança de salão. Deste modo, ressalta a importância de ter uma percepção sobre o que trabalhar em cada turma, porque numa turma vai ser preciso uma fora mais tradicional, outra poderá ter uma linguagem mais aberta.

Sobre preconceito por ser mulher na docência, Naira relata que sentiu um prejulgamento pelo fato de não estar sempre exibindo uma dança show, em apresentações, vídeos etc.

39N A minha vida é estar dentro da sala, não é sair fazer show, então não sou uma pessoa convidada a fazer coisas, (...) então todo mundo respeita, todo mundo admira,

porque bah a Naira, mas todo mundo me medi quando me vê dançando, bah será que ela é tudo aquilo que tem o nome dela entendeu, então eu sinto preconceito nisso.

Então se compreende que o professor pode não ter a melhor aula, a melhor metodologia, mas ele será avaliado pela forma de como se apresenta. Contudo ter um parceiro facilita nessa comunicação, fazendo vídeos para divulgar sua dança através das redes sociais. O parceiro também colabora para que a profissional de dança de salão possa treinar e se aprimorar nessa “dança espetáculo”, porém Naira diz não ter sentido falta de um parceiro para contribuição de sua trajetória docente.

Em relação de igualdade entre os gêneros na dança de salão, Naira tem a visão de que nos dias atuais a mulher tem as mesmas oportunidades que os homens. Entretanto acreditamos que a mulher tem a mesma capacidade para dar aula de dança de salão, mas não as mesmas chances que o homem, porque tem pessoas que preferem fazer aula com professor e conseqüentemente ele é mais valorizado como profissional. Desta maneira o homem se sobressai nesta área, pois esta muito forte a ideia de que um homem conduz melhor, sendo assim, sua aula também é melhor.

Naira discorre sobre a importância em optar por um mestre em dança de salão para que se desenvolva uma linguagem corporal própria em sua dança. Conforme Vecchi:

A preocupação dos docentes que atuam com a Dança de Salão deve ser em relação aos aprendizes, pois cada pessoa, para aprender algo, o faz por um caminho que representa maior facilidade, ou seja, necessita passar por uma trajetória de ensino que facilite sua aprendizagem e, quando realmente aprendeu, poderá transformar aquele conhecimento e adaptá-lo a novas e diferentes situações (VECCHI, 2012, p. 17).

Naira Antunes ao longo de sua trajetória, através de sua experiência criou seu método de ensinar. Jaime Arôxa foi quem inspirou Naira, ele é sua

maior referencia como professor de dança de salão, por sua precisão ao formar seus alunos. O modo como os alunos de Jaime dançavam chamou atenção de Naira Antunes, pois ele tinha uma ligação com o balé clássico, ele dava um valor para outra linguagem associada, fazendo com que ela identificasse a forma que ela tinha como meta para os seus alunos. Aprender a ensinar bem era o objetivo de Naira, e Jaime era pontual quanto a sua metodologia para educar. Ter uma boa preparação para ensinar os dois papéis foi de extrema importância para as aulas de Naira.

A falta de espaços destinados à dança de salão foi um desafio para Nara Antunes, pois ela tinha que fazer com que os alunos acreditassem que a dança de salão iria se expandir. Naira Anthunes Centro de Danças foi a primeira escola a ter aulas desse gênero, então estes alunos eram praticamente as únicas pessoas que dançavam.

N21Então a minha grande dificuldade não era dar aula para homem e para a mulher sem ter parceiro, mas era fazer com que eles acreditassem naquela ideia de dançar aquilo, que eles não tinham *youtube* pra ver, eles não tinham *instagram* pra ver, eles não tinham *facebook*, nem o *orkut* tinha, o Faustão foi bem depois, anos e anos que eu tinha escola bem depois.

Os alunos perguntavam constantemente a Naira, onde eles iram dançar, sem que as outras pessoas não tivessem estranhamento. Esse estranhamento era causado pela falta de conhecimento. Naira Antunes durante sua trajetória dedicou a docência, seu foco era dar uma boa aula, e as pessoas que ela formou praticavam mais, pois muitos deles não tinham objetivo de serem professores, apenas queriam dançar, desta forma eles aperfeiçoavam cada vez mais sua dança. Então Naira precisava ter um posicionamento em sala para que fosse respeitada por seus alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a responder a seguinte questão: “quais reflexões emergem da trajetória docente em Dança de Salão da Naira Antunes em relação à presença da mulher na docência?” A partir dessa inquietação relacionamos o seguinte objetivo geral: refletir acerca da trajetória docente de Naira Antunes.

Deste modo, listamos os seguintes objetivos específicos: conhecer a trajetória profissional de Naira Antunes, identificar e problematizar aspectos relevantes na trajetória docente da Naira Antunes. Para resolver esse problema de pesquisa foi necessário o deslocamento a cidade de Porto Alegre para entrevistar a professora Naira e desta forma foi feita a coleta de dados.

Trazer visibilidade para a mulher docente na dança salão é de extrema relevância visto que, existem poucos estudos sobre o tema. Dessa forma, o trabalho contribui para as mulheres interessadas nesta área a fim de conhecer a trajetória docente de uma professora de dança de salão.

Com esta pesquisa entendi que para dividir um conhecimento com outra pessoa devemos estar preparados, estudar sobre o tema da aula é de extrema importância para ensinar, o que nos proporciona maior confiança e segurança. A pessoa que esta no papel de educador é uma pessoa no qual nos espelhamos independente do gênero, naquele momento ele é a referência, portanto é necessário que esteja capacitado.

Esse estudo também trouxe contribuições para a pesquisadora no sentido que, serviu como incentivo e inspiração para sua própria prática, ao perceber a importância de uma formação qualificada, uma postura apropriada e dar atenção ao que nosso aluno, refletindo sobre o que ele almeja da nossa aula, para que possamos preparar atividades adequadas.

Aprendi que temos o direito de tentar, errar e tentar de novo, através de experiências vividas que aprendemos e amadurecemos nossa forma de agir. Aprendi que sempre temos algo para aprender, e sempre temos algo para ensinar, essa é uma lei divina que não podemos desperdiçar.

REFERENCIAS

COSTA, Luciano Mello. **Samba de Gafieira** : um estudo comparativo entre duas metodologias de ensino. 2014. Disponível em: <<http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000084/000084d9.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

DICKOW, Kátiusca Marusa Cunha; **Características que definem o Ser professor de dança de salão**: uma relação de saberes. Porto Alegre: Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016. 107 f.

FEITOZA, Jonas Karlos de Souza; **Danças De Salão**: os corpos iguais em seus propósitos e diferentes em suas experiências.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.129 p.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GRANGEIRO, Marcelo. **Ai, pisaram no meu pé!** Um novo conceito em aprendizagem e ensino de dança de salão. São Paulo: Scortecci, 2014.

MARQUES, Larissa Bassols B. **Samba de Gafieira e Suas Variações**: um estudo sobre o ensino deste gênero na cidade de Pelotas/RS. 2018. 151 f. TCC (Licenciatura em Dança) - Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas, 2017.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto Alegre: Porto, 1995. 214 p

SAMWAYS, Samuel. PAZETTO, Débora. “Para além de damas e cavalheiros: uma abordagem queer das normas de gênero na dança de salão”. **Revista Artes, Educação e educação**, Florianópolis, n.3, p. 2, 2018.

POLEZI, Carolina; VASCONCELOS, Paola. “Contracondutas no ensino e prática da Dança de Salão: a dança de salão queer e a condução compartilhada”. **Revista Presencia**, Montevideo, n.2, pp. 67-83, 2017.

PORTO, Robson Teixeira. **Gafieira Club**: um olhar sobre a formação de professores de Dança de Salão no espaço não formal de ensino. 2017. 118 f. TCC (Licenciatura em Dança) - Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VECCHI, R. L. O ensino da Dança de Salão pautado na teoria do “Teaching for Understanding.” Tese de Doutorado. Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência**. In: Primer Congreso Internacional sobre los procesos de Feminización del Magisterio. México10, 2001.

ZAMONER, Maristela. **Danças de salão**: a caminho da licenciatura. Curitiba: Protexoto, 2005.

ZAMONER, Maristela. Danças de salão: a caminho da licenciatura. Curitiba: Protexoto, 2005._____. Sexo e dança de salão. Curitiba: Protexoto, 2007.

Apêndices

Apêndice I - Roteiro da entrevista

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE DANÇA – LICENCIATURA



- 1) Quando tu começou a dançar? Por quê? E como chegou na Dança de Salão?
- 2) Quando começou a dar aulas de Dança de Salão? Por qual motivo?
- 3) Antes de ter a sua própria escola, dançou em outros lugares? Conte-me sobre essas experiências.
- 4) Você ministra aulas com outras pessoas? Por quê? Sempre foi assim?
- 5) Quando iniciou a dar aulas de Dança de Salão em Porto Alegre havia outros professores atuando nessa área? Lembra quem eram? Você se inspirou em algum deles?
- 6) Ao longo da sua trajetória, quais foram os professores/professoras que mais contribuíram para a sua formação? Qual a contribuição de cada um deles?
- 7) No cenário da Dança de Salão tem alguma mulher que te inspira? Por quê? Me fala mais sobre elas.
- 8) Teve/tem alguma dificuldade para ensinar Dança de Salão por ser mulher? Se sim, quais?
- 9) Enquanto professora, você ensina condutores e conduzidos a dançarem. Identificou alguma dificuldade para ensinar algum desses papéis em algum momento da sua trajetória docente? Caso teve dificuldade, atribui alguma delas pelo fato de ser mulher?
- 10) Você sofreu algum preconceito por ser uma mulher no ensino de dança de salão? Quais?
- 11) Você acredita que o mercado da Dança de Salão oferece as mesmas possibilidades para homens e mulheres? Por que? Como você enxerga a presença da mulher neste contexto?

12) Tem algo a acrescentar sobre a sua trajetória como mulher e professora de Dança de Salão que não foi perguntado nesta entrevista?

Apêndice II – Organização dos dados

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE DANÇA – LICENCIATURA



Trechos	Elementos aglutinadores
1. Eu comecei a dançar bem criança com cinco anos de idade, bem juvenzinha, então no Rio Grande do Sul como nós temos o tradicionalismo bem forte, obviamente comecei pela dança folclórica né e pelas danças de salão gaúcha, vanera, vanerão, milonga, xote. Depois mais tarde eu já fui partindo pro balé clássico e fui conhecendo as outras linguagens também, o jazz a dança de rua, é fiz afro, fiz dança teatro e fui fazendo	trajetória de dança
2. hoje eu tenho 49 anos né, 35 de profissão porque eu comecei ministrando aula bastante cedo, não tinha dança, faculdade de dança aqui em porto alegre né, e eu de uma família tradicional super jovem nem pensar assim ir pra outro estado fazer, cursar uma coisa que nem passava então mais próximo era cursar educação física, então eu fui fazer por causa da dança mas me apaixonei pela faculdade, ela somou muito pra mim de aprendizado	Formação docente
3. então eu comecei bem cedinho quando criança e fui passando pelo folclore e depois fui indo pra outras linguagens pras outras modalidades, participei muito de,	Trajetoária de dança

de dança de competição e tal coisa assim	
<p>4. mas tive uma trajetória não apoiada pela família, então a família não, não queria que eu fizesse isso, era contra, queria que eu fizesse algo do gênero como hã odontologia essas coisas que pessoas mais antigas profissão era advogado, engenheiro ou médico né, então tu vai morrer de fome fazendo isso, que tu quer com isso, pra que dançar, então até psicologicamente se construiu uma ideia muito fortemente, sempre que eu estava dançando não era uma coisa que eu estivesse trabalhando ou produzindo, eu estava perdendo meu tempo, fazendo aquilo ali, que eu tinha que ir trabalhar, muita gente já passou por essa história e conhece isso e a minha foi bem assim,</p>	Não apoio da família
<p>5. aos 14 anos num CTG né, eles não tinham, tinham muitas crianças e não tinham quem descem aula, e eles disseram, não, vai você via lá, tenta, começa ensinar as crianças, e eu tinha uma coisa desde pequena onde eu dançava eu ensinava a coleguinha do lado, desde criancinha, e ai aos 14 anos eu entrei naquela sala com muito adolescente da minha idade, e ai eu comecei a ministrar as danças de folclore gaúcho que é o pezinho, cana verde, maçanico, e ai eram grupos de dança, então eu já tinha dançado a minha vida inteira até os 14 muito,</p>	Início da docência
<p>6. eu sabia todo sapateado gaúcho, então eu poderia sapatear e ensinar também os meninos a sapatearem, eu não tinha essa limitação. Eu sempre tive muita facilidade, então eu sabia como era a postura de um homem pra dançar e como era de uma mulher e eu, eu navegava muito bem desde cedo na, na, nessas duas posturas tanto feminina quanto masculina que eram bem claras dentro</p>	Ensino de dança para homens

<p>do tradicionalismo, então eu não me via nunca apertada, então eu tinha que ensinar alguém no sapateio gaúcho eu ensinava, eu tinha que ensinar como o cara tinha que caminhar se posta e tal e eu ensinava e, preparava eles pra dançar competição e tudo mais, mas uma coisa minha porque ou a partir das minhas vivencias que eu tinha passado com que me deu aula, e que até então com 14 anos não tinha sido muito,</p>	
<p>7. e hã eu tinha que ser muito enérgica, uma coisa que me trouxe um desgaste bastante grande porque eu era muito jovem, os adolescentes da minha idade ou crianças mais novas, então eu assumi uma postura cedo muito enérgica, muito firme, muito mais velha assim, pra manter aquela gurizada toda dançando</p>	Postura docente
<p>8. então eu comecei juvenzinha dançando, e em seguida na parte do folclore eu comecei a ministrar aula com 14 anos.</p>	Início da docência
<p>9. Bom, essa felicidade assim de dançar em muitos lugares, de participar de companhias e ser a bailarina a dançarina eu não tive, porque como era uma coisa que tu vai morrer de fome, que tu quer com isso e tal, então eu tinha era inconsciente mas eu queria trabalhar e fazer aquilo dar frutos e eu não tinha quem me bancasse eu fazendo aulas pra participar de grupos e poder dançar, então eu não tive essa felicidade de ficar fazendo isso,</p>	Falta de oportunidade para dançar
<p>10. mas essa coisa do ensinar foi muito o universo convergiu muito forte, então eu tinha uma paixão pelo ensinar, então quando eu fui morar no Rio de Janeiro pra estudar dança eu ainda disse pro professor, olha eu quero ensinar bem, dançar me apresentar, não era o meu foco,</p>	Profissional capacitado

<p>então eu queria me preparar muito bem pra dar aula, talvez fazendo terapia eu descubra que era algo inconsciente de que era a maneira que eu poderia dar certo</p>	
<p>11. se eu fosse só querer dançar em companhias, não sei o que, talvez eu fizesse por um tempo seria legal, mas não sei se eu, como era porto alegre entendeu</p>	<p>Falta de oportunidade para dançar</p>
<p>12. Porto Alegre, tu vem de Pelotas, tu pode achar Porto Alegre, Porto Alegre, mas tu ta em Porto Alegre e vai pra outras cidades tu sabe como aqui é interior, ai tu imagina isso a 35 anos atrás, entendeu, não tinha quase nada né, é, na minha cabecinha com 14, 15, 16 anos não passava ah vou pra outro estado e fazer as coisas, fui fazer isso bem mais tarde, ah ta dai dançar, então dançar acabou que eu tive movimentos de, de festivais, tinha o sojipa em dança, tinha outros festivais assim que a gente ia, dançava, se apresentava, competia, mas eu propriamente eu fui fazendo a minha história o meu caminho, eu não pude viver numa companhia dançar e tal, quando eu estive no Rio de Janeiro eu dancei algumas coisas que foram propostas lá no período que estive lá, mas também era algo de base, de preparação e de aprendizado pra quem estava lá, então essa coisa assim a eu dancei em tal, tal, tal, tal companhia eu não tenho, infelizmente.</p>	<p>Falta de oportunidade para dançar</p>
<p>13. Isso é bem legal, porque quando eu fui pro rio de janeiro, como é que a dança de salão surgiu na minha vida né, eu fui vivendo experienciando várias modalidades, entrei pra faculdade e, e por causa da faculdade em Curitiba eu fui fazer um congresso né, fui lá pra fazer então fiz jazz, professores de São Paulo, fiz</p>	<p>Primeiro contato com a dança de salão</p>

<p>dança de rua com uma pessoa que veio do exterior, há curso de recreação não sei o que, e lá tinha na grade dança de salão, e eu pensei nossa o que será isso, e ai eu fui na, me inscrevi, fui na aula, quem estava dando aula era a Raquel Mesquita do Rio de Janeiro e o Jimmy de Oliveira, bem novinho, bem magrinho, e ai aquelas danças de par me remeteu ao CTG, uma vida que eu tinha que eram as pessoas dançarem de pares e homem e mulher e eu olhei e nossa aquilo me chamou muito atenção e eu me interessei muito e ali eu conheci a dança de salão com a Raquel Mesquita e o Jimmy de Oliveira fizemos amizade dali eu fui para o Rio de Janeiro mais profundamente a dança de salão até fiquei na casa dela</p>	
<p>14. e antes disso ela como professora de educação física ela ia muito a congressos e levando a dança de salão e ai teve um congresso em Capão da Canoa que a gente tem sempre de educação física né muito forte que tem até hoje, ela veio ministrar aula, eu entrei em contato e disse que queria aulas particulares ai ela disse, a tu tem parceiro, eu disse não, eu não tenho parceiro, a mas como eu vou te ensinar, vai ter que aprender as duas coisas e tal, eu aprendo rápido, eu aprendo bem, e ela meia receosa topou, ta bom eu vou te dar aula, e ai ela me deu aula e disse, realmente tu aprende muito rápido.</p>	<p>Fazer aula sem parceiro</p>
<p>15. E desde cedo eu tive que aprender as duas funções né, tanto do homem quanto da mulher, e, mas foi algo muito tranquilo muito, como eu já disse no inicio já no CTG eu já sapateava já sabia a postura do homem da mulher eu já tinha que ensinar o homem e a mulher quando eu dava</p>	<p>Facilidade em aprender os dois papéis</p>

<p>aula em CTG porque eu era já sozinha dando aula pro meus grupos de dança, então não foi algo novo pra mim, então eu só passei, eu continuei em outra modalidade aqui e fui,</p>	
<p>16. dai eu fui pro Rio de Janeiro ai ela me apresentou todos os professores do Rio e nesta época eu estando lá, mulher não abria a boca em sala de aula, eram só os homens que davam aula, mulher era pra bonitinho demonstrar, falar era nada, e sempre bem arrumadas, maravilhosas pra demonstrar a parte feminina, e lógico eu vivendo tudo aquilo e vendo casais dançando muito bem, e eu pensava, nossa como que vai ser minha vida agora, que dai eu vi como é diferente do ctg, eu tenho que ter alguém para dançar, para mostrar a dança e tal, já começou a ferver assim na cabeça.</p>	<p>Primeiro contato com a dança de salão</p>
<p>17. Fui conhecer a escola do Jaime Arôxa, e ai ele tinha o curso de professores que ele tem até hoje, ai fiz o primeiro, fiz no segundo ele me chamou, me botou sentadinha e disse olha se eu fizesse um teste hoje gostaria que tu soubesse que tu estarias passada, e pra mim aqui né de Porto Alegre aquilo foi incrível, e na época era ela época das vacas gordas a escola dele bombando, tinha que fazer teste pra entrar, eu tinha conhecido uma menina da Argentina que estava lá e não tinha conseguido e ai o cara vai e me fala aquilo, eu fiquei no céu assim,</p>	<p>Experiência na escola de Jaime Arôxa</p>
<p>18. voltei pra Porto Alegre enquanto eu não fui morar lá eu não descansei, peguei minhas troxinhas e me fui, que dai não vamos aos detalhes né cada um com suas dificuldades, e fui pra lá morar lá e lá dai eu vivenciei muito, brigas de casais, mulheres chorando, os caras</p>	<p>A mulher e a parceria na dança de salão</p>

<p>deixavam as gurias e pegavam uma parceira nova, e as meninas totalmente dependente da parceria porque elas só demonstravam então se a parceria terminava elas não sabiam dar aulas sozinhas e isso por muito tempo</p>	
<p>19. e ai eu vim embora, eu vim embora e bom, o que não tem solução, solucionado esta e eu tenho que dar aula e eu vou dar aula. E ai eu conto muito isso pro meus, e é muito interessante quando vem isso porque me faz refletir sobre essa trajetória porque até então o que acontece, eu vivi, vivi minha vida eu toquei não fiquei parando e pensando e quando vem as mulheres de hoje que refletem muito sobre isso, falam muito sobre isso, reivindicam tarara e reclamam e apontam e eu começo a olhar pra tudo aquilo ali e rever e refletir e pensar nossa como eu consegui fazer muita coisa, mas até então era como se fosse normal pra mim, eu acho que eu não consegui dar o devido valor a isso sabe e com vocês que chamam atenção, ai agora esses tempos a gente teve a um ano e meio atrás uma conversa assim de mulheres e falando sobre isso, foi bem interessante e eu refleti muito naquela conversa, foi bacana, então, eu comecei a das aulas sem parceiro, já desde o inicio,</p>	<p>Reflexão sobre conquistas: primeira escola em Porto Alegre</p>
<p>20. Porto Alegre não tinha nada, nada, nada, então tu tinha assim alguns professores, dois ou três professores bem da antiga que pegavam a pessoa e dançavam com a pessoa, eles nem tinham aulas em grupos, ai a gente tinha mais um professor que ele tinha um aulão assim que ele dava aula, mas não era organizado por níveis de aprendizado a escola então eu me sinto assim bastante percursora nesse sentido de organização por nível e tudo</p>	<p>Primeiros professores de Dança de Salão em Porto Alegre</p>

<p>mais, e ai eu comecei realmente sozinha dando aula,</p>	
<p>21. e uma grande dificuldade era a onde nós vamos dançar isso, eu não tinha problema em dar aula, ensinar, mas eu tinha problema porque eles não conheciam soltinho, samba de gafieira, bolero do jeito que é, zouk nem pensar, eu fiz zouk lá, nem pensar. Eles na noite de Porto Alegre tinha ai o jeito de dançar de Porto Alegre, então eles saiam e chegando lá professora ninguém dança assim, esse foi o maior obstáculo, ninguém dança assim professora, eu vou dançar isso aonde? A gente parece uns ET, e eu dizia pra eles, olha vão dançando porque vocês vão estar a frente, um dia Porto Alegre vai ta dançando muito e ai vocês já vão ter aprendido e tal, mas claro a pessoa não consegue visualizar,</p>	<p>Falta de espaços destinados a dança de salão</p>
<p>22. Então a minha grande dificuldade não era dar aula pro homem e para a mulher sem ter, mas era fazer com que eles acreditassem naquela ideia de dançar aquilo, que eles não tinham <i>youtube</i> pra ver, eles não tinham <i>instagram</i> pra ver, eles não tinham <i>facebook</i>, nem o <i>orkut</i> tinha, o faustão foi bem depois, anos e anos que eu tinha escola bem depois, eu anunciava em paginas amarelas, eu anunciava na zero hora na parte de cursos, não tinha nada era telefone fixo, tu não tinha <i>whatsapp</i>, tu não podia postar vídeo, tu não podia fazer tudo isso, as pessoas não tinha na novela, não tinha no faustão, as pessoas não sabiam o que era samba de gafieira, agora uma pessoa olha pra mim assim o que é zouk? Tá aqui o vídeo, o que é bachata? Vai lá no <i>youtube</i> ou tá aqui a gente dançando, que isso, que é aquilo, entendeu. Então isso não tinha, essa foi uma semente de algo que eles não faziam ideia do que era, essa foi minha maior dificuldade.</p>	<p>Falta de espaços destinados a dança de salão</p>

<p>23. Entrar em sala, como é que eu fazia, eu dividia a turma, eu ensinava o passo pro homem ali, o passo da mulher aqui, ai alguém, sempre tem alguém com um pouquinho mais de facilidade, eu demonstrava com o cara o que eu queria,</p>	<p>Forma de ensinar</p>
<p>24. eu sempre fui, que eu digo eu sempre fui meu homem, tenho mulheres que não gostam que eu diga isso, mas não sei porque, porque na época, eu tô falando da época e na época era homem e mulher, homem e mulher, não tinha condutor e conduzido, não tinha essa quantidade que nó temos de mulheres hoje dançando, dançando entre elas, isso não era uma coisa usual e que acontecia, pelo uma cultura, lá no Rio de Janeiro era assim homem e mulher, o professor lá o Jaime Arôxa ele chegava a dizer por mais que o homem não dance tão bem, mas é um homem dançando contigo, entendeu, então as vezes a mulher estava do meu lado e dizia, mas eu preferia dançar contigo tu conduz melhor, e o professor preferia botar um homem com ela, então as mulheres sobravam mesmo dançando bem, que tinha que ser um homem,</p>	<p>Dança de salão tradicional: homem conduz e mulher é conduzida.</p>
<p>25. e as mulheres tinha que ta de sandália e tinha que ta de vestido e tinha que ta embonecadas pra dançar né, então eu vivi uma cultura, tinha que ta de salto, tinha que dar aula de sapato e era todo mundo arrumadinho e era uma coisa assim que eu nem me identificava mas era referencia que eu tinha, era como era, não e falar mal né, e ai hoje tu não vê ninguém de salto fazendo aula numa sala, na minha escola pelo menos não, eu disse assim ai que alivio entendeu, eu vou usar salto o dia que eu quiser</p>	<p>Sobre vestimentas.</p>

<p>o dia que eu tiver afim, mas não porque pra dançar a dança de salão eu tenho que estar de salto porque é assim, porque é bonito e não sei o que, mas assim, são momentos, são fases né, e quem pensa de um jeito vão perdendo o controle porque as coisa elas vão passando por cima de ti e vão te dizer não olha aqui, mudou agora é assim,</p>	
<p>26. então eu administrava muito bem eu me preparava muito bem pra quando entrar na aula eu desempenhar muito bem os dois papéis e eu tinha essa facilidade e não tinha medo, que nem tu me falou a pouco, a será que eu vou conseguir, eu não tinha medo, e por mais que tu me veja dançando numa função de rapaz ou de condutor como fala hoje, que tu veja em mim que eu sou uma mulher, a minha pegada a minha condução ela é muito eficaz ela é muito precisa, eu consigo dizer pro homem como é que ele tem que ser o homem a masculinidade dele que eu preciso na dança, então eu conseguia passar isso muito bem,</p>	Profissional capacitado
<p>27. eu tive um aluno que depois ele começou a namorar uma aqui que se tornou professora, mas depois saiu da escola, até ta dando aula e ele disse assim, a Naira mas a fulana não tem isso, ela até sabe mas ela não consegue passar pra gente o que tu passava, como que o homem tinha que ser.</p>	Ensino de dança para homens.
<p>28. Então assim, uma facilidade que tive, então isso não foi obstáculo pra mim, entendeu, então o que eu vou te dizer, eu não dependi de homem pra formar minha escola e formei muito homem que dança bem,</p>	Independência para ensinar sem parceiro
<p>29. muitos e sempre estive a frente deles e dizendo como</p>	Postura docente

<p>é que tinha que ser e quando alguma coisa queria não ir bem eu tinha que me posicionar muito forte sim, porque dai o cara ele entende que são os homens que conduzem, e daqui a pouco eu não tô, e tem uma coisa, como eu ia formando homens que dançavam bem, eu não ficava o tempo inteiro dançando de homem e conduzindo, então se tu me bota hoje pra dançar, todos os meus meninos dançam muito mais que eu como condutores como homem, eu tive meninas que eu formei que já passaram de mim, dançam muito bem, então eu tenho que ter um posicionamento em sala e dentro da escola muito presente e muito forte, pra que a pessoa não perca o respeito,</p>	
<p>30. A gente tinha um que outro que dava aula em Porto Alegre sim, eu lembro que o Paulo Pinheiro ele tinha uma sala que ele dava aula, eu nunca cheguei a conhecer assim e ver, mas eu sei que era tipo aulão assim, não era organizado com níveis de aprendizado. O Fernando Campani que eu cheguei a conhecer também que já tinha ido pro Rio e tal, ai ele também dava aula mas eu nunca vi assim como uma escola assim, mas depois ele foi desenvolvendo bastante, ele era bastante, ele é muito show assim, animador sabe, ele da aula de ritmos coisa e tal, mas ele teve bastante aulas depois, porque dai também foi pro Rio, ele foi ainda pro Rio estudar, mas é que a gente meio que aconteceu junto assim sabe, e fora isso dai só algum professor bem antigo assim, que era o professor Jardim e o filho dele, e na época o professor Jardim já tinha quase 80 anos e o filho dele tinha uns 50 e poucos, eu acho, eu cheguei a tentar fazer uma aula, mas eram essas aulas só pega e dança, e tinha uma professora pra zona Sul eu não me lembro o nome, mas que dai era</p>	<p>Primeiros professores de dança de salão em Porto Alegre</p>

<p>uma aula em clube entendeu, não tinha assim uma escola,</p>	
<p>31. Então foi a Raquel Mesquita no início, o Jimmy muito pouco, mas fiz aula com ele, fiquei pouco com ela mas teve bastante orientação porque ela me apresentou a dança de salão, vários professores do Rio e tal, conheci o Carlinhos de Jesus o Jaime e alguns outros que ela me mostrou, mas a forma de trabalhar a didática, tinha uma precisão na hora de ensinar, na forma do aluno aprender era o Jaime Arôxa,</p>	<p>Orientação de professores.</p>
<p>32. e como eu te disse antes que eu o que eu queria era aprender a dar aula muito bem, então eu disse não, é aqui que eu vou ficar</p>	<p>Aprender a ensinar bem</p>
<p>33. e realmente a Raquel mesmo antes da minha decisão eu tinha muito do balé e tal ai ela disse assim, tu é muito “Jaiméti” mesmo, que o Jaime tinha muito essa ligação já com o balé clássico e tudo, ele já dava um valor pra isso, pra outra linguagem associada com a dança de salão pra não ficar aquela dança só de baile, e isso me chamava atenção, tinha uma qualidade diferente e isso me chamou atenção e eu já tinha o balé então eu disse olha eu vi o pessoal dele dançando, é isso que eu quero pra mim em termos de dança e de ensino pro meu aluno, então foi até pra ele que eu falei, olha eu quero aprender a dar aula muito bem, dançar se acontecer ok né, então ele foi a minha maior referencia assim</p>	<p>Referencia Jaime Arôxa</p>
<p>34. ai lógico depois, congressos e tal, eu fui fazendo aula com um e outro pra conhecer, mas uma coisa que eu entendi muito forte, é que pra ti ter uma boa formação tu tem que te formar com uma pessoa boa, e depois tu até sai conhece isso, conhece aquilo e tal e começa a filtrar e</p>	<p>Formação docente</p>

<p>quem sabe descobrir tua forma,</p>	
<p>35. o que eu vejo é as pessoas muito cedo faz aula com esse, com esse, com esse e tu não vê nada naquele corpo acontecendo entendeu, não vê algo que te chama atenção na plástica na movimentação, tu diz nossa que bacana esse corpo se movimentando, não tem um diferencial entendeu e a gente conseguia, eu consegui depois implantar isso na minha escola também esse diferencial na dança, eles tem até hoje, eles saem pra baile e o pessoal diz, lá vem o pessoal da Naira, ai o pessoal da Naira são tudo uns ET, como dançam isso e aquilo, amam dançar com eles, as meninas e tal, então é bacana isso sabe</p>	<p>Formação docente</p>
<p>36. e depois disso de dentro do Jaime Arôxa teve um professor o Cristóvão Cristimas, tu já deve ter ouvido falar, carioca, ele é um cara bem estudioso, ele foi se destacando e depois ele veio pra Curitiba, hoje até ele está em Porto Alegre, foi pra Caxias, pra Porto Alegre e tal, era uma pessoa que gostava de fazer aulas particulares com ele, porque ele era um cara, e é um cara muito metódico, muito organizado, ele foi organizando muito o que ele foi fazendo e tal, eu não me vejo uma pessoa disciplinada, mas muito preocupada de como ensinar, então quando eu ia ensinar eu pensava tá faltando alguma coisa, então, e é muita coisa pra gente aprender entendeu, e eu tinha que aprender as duas coisas, então volta e meia eu voltava Cristovam vamos repassar todo o bolero, o que é o passo básico, depois daqui o que vem, que ele tinha mais experiência que eu, mesmo sendo mais novo ele tinha muita experiência do Rio de Janeiro né, e aqui o que falta, então eu revisava,</p>	<p>Cristóvão Cristimas</p>

<p>37. e ai também eu fui escrevendo, claro eu fui mudando porque a minha realidade é diferente do Rio de Janeiro e eu também fui descobrindo e hoje eu tenho muito meu método de como ensinar, de como o pessoal dançar, isso também eu fui desenvolvendo que no inicio eu tinha muita referencia, segui bastante uma referencia e depois eu fui olhando, não, mas isso aqui não serve assim, não é bom, não ta dando resultado eu preciso mudar, e eu fui mudando muito, no samba, no bolero, no zouk, nossa forma de ensinar tudo mudou muito e, inclusive a aula que hoje tu viu que iniciou de zouk, eu inicio diferente mas é que eu não pensei que eu não ia conseguir entrar na aula em fim, então essas foram as pessoas que realmente tiveram peso pra mim, depois até a gente procura ver se faz alguma aula, mas é que tu também vai ganhando tanto experiência, tanta experiência que, não que tu não aprenda alguma coisa, mas é que pra alguém te acrescentar alguma coisa, tem que ser alguém entende, quando tu tá no inicio tudo te acrescenta, tudo, a onde tu for, quem tu ouvir falar, mas tem que escolher bem,</p>	<p>Método de ensinar</p>
<p>38. Em termos pra ser uma boa professora não, nenhuma, não tinha entendeu, como dança a mulher do Jaime Arôxa da época, a Bianca Gonzalez, eu olhava ela dançar e a meu Deus, tudo ficava bonito naquela mulher um bolero ficava bonito, um rock em rol ficava bonito, um tango nem se fala e salsa eu não gostava de ninguém dançando salsa e uma vez eu vi ela dançando e eu disse tá isso aqui eu quero, dessa maneira eu até vou dançar salsa, nesse sentido era uma pessoa que, que sempre e até hoje</p>	<p>Referencia Jaime Arôxa</p>

<p>quando eu vejo ela dançar ela me encanta, me encanta, mas como mulher pra dar aula ninguém, realmente ninguém. Agora o Jaime Arôxa ele é especial né, ele me inspirou muito dar aula entendeu, dar aula, independente se eu era homem ou mulher ele formava tão bem as mulheres dançando e tão bem os homens dançando, dai tu via aquelas mulheres dançando então pra dança não sei se isso não fez diferença e pra aula realmente a inspiração bastante dele assim, não tem uma mulher, realmente, infelizmente não tem,</p>	
<p>39. Sabe que eu não sei se eu sofri, eu não sei por que, como eu vou te dizer isso, eu procurei fazer meu trabalho tão bem, fazer tanta gente dançar bem, que eu acabei sendo respeitada entendeu, o que eu sinto de preconceito é como a minha dança ela nunca foi uma dança show, eu nunca me vi e nunca treinei pra ser uma pessoa quando fosse fazer uma apresentação de dança fosse uau, nossa essa mulher quebra tudo, dança demais, porque eu trabalhava muito dando aula, muito pra escola, aquela satisfação de ver uma escola grande, cheia de gente entendeu, então eu me sinto assim nesse sentido, porque eu vejo que as pessoas convidam pra dar aula fora quem elas veem que dança muito, a aula pode não ser boa, mas enche os olhos das pessoas quem dança muito entendeu, e ai nossa eu vou chamar esse cara pra dar aula, vou chamar essa mulher pra dar aula porque nossa é muito, desculpa a palavra aqui, mas assim pra dar uma força, muito fodona entendeu, e assim dançando eu nunca fui fodona, eu nunca fiz feio, vou lá danço bem, eu tenho essa consciência, danço bem eu sou média entendeu, mas assim, nossa a mulher é incrível, não, eu nunca me dediquei também pra ser essa mulher incrível na dança,</p>	<p>Preconceito por não trabalhar com show</p>

<p>então eu senti, sinto até hoje esse preconceito, porque como eu, a minha vida é estar dentro da sala, não é sair fazer show, então não sou uma pessoa convidada a fazer coisas, porque eu pô, não sou fodona dançando entendeu, então todo mundo respeita, todo mundo admira, porque bah a Naira, mas todo mundo me medi quando me vê dançando, bah será que ela é tudo aquilo que tem o nome dela entendeu, então eu sinto preconceito nisso,</p>	
<p>40. e sinto uma dificuldade que como eu nunca tive um parceiro, eu tive um menino que eu criei, criei né porque o menino veio com 11 anos pra mim e tinha muito talento e hoje ele dança muito bem balé e jazz e tal e ele morava do lado da minha primeira escola e ele estava na janelinha assim olhando e tal, e entra e daqui um pouco dança e daqui a pouco o menino estava a vamos dançar, a enlouquecido por aquilo, e ele era muito incrível, ele era forte, ele ficou alto depois, ele sabia fazer aéreos e tudo né, que é o Mauricio Miranda e ele acabou dançando, no início eu me sentia mal porque eu era bem mais velha que ele né, depois pensei a faz de conta que estou dançando com meu filho, e a gente começou a dançar, fiz vários, várias apresentações, fizemos um bom sucesso pra época sim, os dois sabe, dai ele muito talentoso, ele também tinha muita facilidade o que facilitava muito a minha vida e eu criei ele, ensinei como tinha que ser da melhor maneira possível, então tu moldou a dança daquela pessoa, e a gente fez vários shows, mas ele era um menino então ele não chegava a me somar como um puta parceiro assim, estava aprendendo a dar aula, e quando ele ficou bom, que amadureceu, ficou mais velho, ele saiu, e após isso eu até dancei uma coisa e outra e tal mas eu nunca tive parceiro sabe, a ela tem parceiro, eles</p>	<p>Preconceito por não trabalhar com show</p>

<p>tão sempre dançando, se apresentando, gravando e mostrando a dança eu não tive e ai tem um preconceito disso,</p>	
<p>41. hoje em dia isso mudou porque dai tu vê muitas mulheres que dançam muito, fodonas como eu disse e ai nossa ela até dança com um cara ali, depois dança com outro e se apresenta, isso mudou, antes não tu tinha que ter um parceiro e ficar só com ele, hoje não a mulher faz o show com aquele, ela é tão boa que se ela quiser fazer o show com outro ela faz, ela vai lá e dança e dai tu vê algumas mulheres sendo convidadas dando aula sem ter a necessidade de estar aliada a um parceiro, mas é hoje é tipo de alguns aninhos pra cá, não é uma coisa muito antiga,</p>	<p>Papel da mulher na dança de salão antigamente e atualmente</p>
<p>42. então esse preconceito acho que, como eu não me importo muito, tô no meu mundinho, mas eu já vi muita mulher incomodada com isso, entende, que a mulher só vai se o cara for né, e muitas vezes a aula com fulano de tal e tem a foto dele com outra pessoa e não bota o nome dela, a gente já viu muito isso, entendeu,</p>	<p>Papel da mulher na dança de salão antigamente e atualmente</p>
<p>43. então existe essa função ai que não é boa ai algumas mulheres que dançam muito, muito mesmo, tipo quebra tudo, pô a mulher arrasa dançando ou em corpão, dai eu sou preconceituosa com relação a isso, porque geralmente são mulheres com corpão se tu vai em bachata pode vê só mulher com corpão, esquece que esse corpinho vai tá lá porque não vai tá entendeu, então tu tem que dançar bem e ter corpão, ser super gostosa, tu vai dar aula com o cara, se tu não for assim eu não vejo uma mulher feinha com corpinho feinho dando aula de bachata entendeu, e eu vejo que é uma escolha assim,</p>	<p>A estética do corpo na dança de salão</p>

<p>então tu fica ali, pô dança muito é bonita e gostosa essa vai dar aula, vai aparecer, vai tudo. Mas talvez eu esteja falando com preconceito entendeu, mas eu tenho, digamos que uma observação, que eu estou observando isso tá, daqui um pouco eu não tô vendo a que é mais simples bem colocada no mercado de repente eu não vendo, mas eu vejo isso, ou tá dando sorte que as mulheres que são muito foda, dançam muito e ainda, porra, ainda são lindas entendeu,</p>	
<p>44. então eu vejo essa problematização na dança e pior é que muita mulher que briga e fala sobre a mulher na dança de salão, mas ainda vejo elas se curvarem a muito coisa entendeu, mas é um processo né, não é um julgamento é um processo que ele precisa de tempo né, a gente luta pra melhorar ele sim, mas ele é uma questão de maturação de tempo mesmo, não é assim é agora e pronto mesmo,</p>	<p>Discurso de autonomia feminina na dança que não se efetiva na prática</p>
<p>45. eu acredito que hoje sim, só se não se sobressai se tu não tiver realmente aquela qualidade entendeu, agora, ainda tenho duvida nisso que eu te falei sobre a beleza porque a coisa foi para um lado bastante sexual, foi, então é inegável isso pra mim, nada contra mas é inegável que foi bastante pra parte bem sexual, pra parte bem sensual e alguns gêneros mais que outros né, então eu acho que as mulheres tem oportunidades de se prepararem e fazerem o que elas quiserem hoje, de mulher dar aula com mulher e não precisar de um cara, quanto ao show, se elas prepararem uma ideia super bacana, tem até uma menina aqui em Porto Alegre que ela apresentou já com duas meninas diferentes numa apresentação de dança, foi bem interessante, uma ideia</p>	<p>Igualdade entre os gêneros na dança de salão</p>

<p>bem legalzinha, ficou bem bonitinho sabe, todo mundo achou bárbaro e dançaram e, então tem hoje, nossa, tem muita oportunidade, eu acho que a mulher pode tá bem igual ela só tem que estudar, porque o cara, o cara ele vai lá estuda, aprende e tal e na hora de dar aula ele pega uma mulher que dança bem e da a aula dele, a mulher tem que fazer a mesma coisa, conduzir muito bem, pegar alguém que ela conduz e mostre o que ela quer e deu, pronto, e a mulher tem muita facilidade pra dança entendeu, agora é aquilo como muito homem não dança bem, vai ter muita mulher que não vai ter essa facilidade de lidar com os dois papéis, mas eu acho que tranquilamente a mulher hoje tá tudo igual pra mim,</p>	
<p>46. Eu acho que ela ainda não descobriu que ela pode sabe, ela ainda não descobriu, acho que ainda tem bastante mulher na dependência de um par masculino pra fazer as coisas achando que só assim vai fazer e, só que a gente tem cuidar que por exemplo, eu gosto de dançar com um rapaz que me conduza, eu gosto de ser a mulher e de a ser conduzida, a gente não pode começar achar que isso não é bom, e que não que só tem que ser ao contrário entendeu, acho que a gente tem que permitir e dar espaço pra tudo porque se não a gente entra numa ditadura de que bah agora eu não posso mais nem ser mulher entendeu, eu tenho que conduzir, não, tem espaço pra todo mundo eu gosto de ser conduzida, eu gosto de dançar feminina, eu gosto, ok, vive ai, seja feliz, agora não, eu quero pegar uma mulher, eu quero conduzir, quero fazer isso, fazer aquilo, ok, tem o teu espaço também, vai lá e faz, o que eu vejo que a mulher ela serviu muito tempo pro homem aprender a conduzir e aquela dança acontecer, porque vem de um histórico assim,</p>	<p>Papel da mulher na dança de salão atualmente</p>
<p>47. então hoje mesmo aqui em cima estava tendo uma</p>	<p>Relação de homens e mulheres na</p>

aula que ele estava provocando bastante elas, pra que eles dessem espaço e elas tomassem atitude na dança de fazer enfeites, de criar um caminho e tal, como são pessoas que já dançavam a bastante tempo, isso é novo pra elas, quando tu pega desde o inicio alunas, desde o inicio e já tá propondo isso e já tá falando, elas já tão com aquilo bem familiarizado, então elas já fazem aquilo com mais facilidade, elas já são mulheres com mais atitude, com mais presença, então isso vai depender muito da onde elas fazem aula, o quanto isso é falado pra elas, o quanto isso é dado espaço né, quanto isso é dito olha isso existe, mas não é tão simples assim, por exemplo quando eu tenho aulas casais, casais mais velos e tal, poxa eles não conseguem fazer nem o iniciante o básico, ai se tu bota uma mulher ali já com atitude de faz isso, faz aquilo, o cara olha e nossa o que eu faço com tudo isso, eu não sei nem como me mexer, então isso leva um tempo, e as vezes quando tu vai propor as vezes já passou um tempo é tão difícil propor aquilo, nem sempre da pra ti ser com uma linguagem tão aberta entendeu, eu acho que tudo isso ainda é muito novo, eu acho que ainda tem muito pras mulheres, se posicionarem entendeu, acreditarem mais nelas, porque a gente diz, toma uma atitude, faz um braço assim, faz não o que, nossa elas demoram muito porque os caras, tão conduzindo, tão pedindo o que eles querem, eu digo vocês não podem continuar servindo a dança deles, vocês tem que dançar a dança de vocês, isso é bem difícil, então eu acho que o cenário hoje ele é de mudança, tem várias pessoas falando nisso, em todo lugar, tem muitos aplicando em sala de aula, tem muitos provocando em sala de aula, mas é novo ainda, é novo ainda, vai te que passar uma geração e vir outra com toda mudança, que nem eu digo pro meus alunos, nossa é tão

dança de salão hoje

diferente a forma de ensinar hoje, de como eu aprendi a dançar, e não por culpa, bah não sabia, não era a época, era daquela maneira e a gente era muito engessado aprender a dançar, isso é assim e é assim, não pode ser assim, tem que ser assim, isso tá errado, isso tá certo, e depois a gente começar a se soltar das amarras e não isso pode pra esse lado, não tu pode sair sim com essa perna, viu só como dá certo e fazer teu aluno pensar e ele descobrir caminhos é um processo, então eu acho que ainda tá bem verde assim, tem muita mulher pra, pra entender isso e melhorar isso assim, porque tem muito homem dando aula ainda e muito homem mesmo sendo jovem, mas que aprendeu, tem homem ainda até hoje que diz, os cavalheiros e as damas né, e jovens 30 anos, 30 e poucos, 20 e poucos, então é um tempo, eu acho que o cenário ele já deu uma boa mudada, mas, tem muita gente dando aula de forma igual ainda né, eu mesma me pego de uma forma tradicional, vou lá e mexo de novo, tem aula que eu tenho que dar um pouquinho tradicional, tem outras aulas que eu posso mexer, é bem complicado é um processo gradativo assim de tu ir mexendo até dentro da tua escola entende, se tu tivesse assistido essa aula desde o início, que ele propôs tu ia ver que muito pouco elas conseguiram fazer, porque muito e é muito excelente isso porque trabalha muito iniciativa e atitude, muito, tanto deles pra levar e aprender, mas agora tu dizer pra elas olha só esse espaço e teu, que tu faz com esse teu espaço, e elas ficarem assim, o que eu faço entendeu, e é aquilo é que nem uma pessoa presa e tu larga e ela olha o que eu faço, e ela tem que ir descobrindo o que faz, e aí tem muita a questão do lance na dança do feio e do bonito, da plástica, então a pessoa fica preocupada se tá fazendo bem, então acho que dentro do cenário assim, tá

<p>engatinhando assim, as mulheres estão engatinhando nas mudanças a gente vê algumas coisas, mas é que tem muita gente dando aula nesse Brasil todo não sei como é que tá.</p>	
<p>47. O que eu posso te dizer, hoje a gente tem a questão das aulas online também, tá atingindo assim bastante cursos online e eu não sei quanto isso é bom ou não, porque daqui a pouco cada um faz porque quer ganhar, já não tá ganhando de uma forma e quer ganhar de outra, mas o quanto isso é bom pro ser humano, pro contato né, isso é uma observação,</p>	<p>Aulas online</p>